

SUEZ: BREVE GUIA DE LEITURA

Pedro Aires Oliveira

O leitor que se dirija a uma livraria para tentar adquirir uma obra em português sobre a crise do Suez sairá de lá de mãos a abanar.

Com sorte, talvez encontre num alfarrabista um exemplar de *O Caso Suez*, de Hugh Thomas, originalmente editado no Reino Unido em 1967, e que durante vários anos permaneceu uma das obras de referência sobre o assunto. Apesar de não ter tido acesso aos documentos oficiais britânicos (à época ainda abrangidos pelos prazos de classificação), o livro de Thomas, editado entre nós pela Ulisseia, constitui ainda uma introdução válida a uma das mais dramáticas crises que abalaram o Médio Oriente no século XX.

Enquanto os arquivos permaneceram fechados aos investigadores, a história das decisões que precipitaram a crise do Suez foi sendo escrita com base em depoimentos e memórias de protagonistas da época. Eden referiu-se ao episódio que selou o seu destino político num dos volumes das suas memórias, *Full Circle* (1960), mas continuou a manter reserva sobre o seu papel no conluio com Mollet e Ben Gurion para atacar o Egípto. Anthony Nutting, um ministro de

Estado do Foreign Office que pediu a demissão por discordar do uso da força contra Nasser, publicou em 1967 um testemunho influente sobre a conduta errática de Eden onze anos antes (*No End of a Lesson*). Sir Evelyn Shuckburgh, um alto funcionário do FO, acompanhou de perto a diplomacia britânica para o Médio Oriente nos anos imediatamente anteriores ao confronto final com Nasser, e as suas impressões, registadas em forma de diário (*Descent to Suez: Diaries 1951-56*, 1986), são importantes para se perceber todo o pano de fundo da crise. Selwyn Lloyd, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Eden, publicou um relato bastante cândido (*Suez 1956: a Personal Account*, 1978) sobre o seu papel em alguns dos eventos-chave de 1956, nomeadamente o seu encontro secreto com os franceses e israelitas em Sèvres. Outras figuras do Gabinete britânico referiram-se também aos debates e processos de decisão sobre a crise aberta pela nacionalização do canal de Suez no Verão de 1956, embora raramente numa perspectiva desinteressada. Harold Macmillan, por exemplo, apontado por muitos como um dos principais «falcões» do Gabinete até

Novembro de 1956, acrescentou pouco ao que já se sabia quando em 1971 publicou o seu volume de memórias referente ao período (*Riding the Storm*, 1956-1959). Em 2003 o historiador Peter Catteral editou o seu diário para os anos de 1950-57 (*The Macmillan Diaries*, 2003) e verificou que as entradas relativas aos meses de Novembro e Dezembro de 1956, o período em que Macmillan trabalhou afincadamente nos bastidores para surgir como o mais forte candidato à sucessão de Eden, haviam sido suprimidas.

Do lado americano, Eisenhower tentou proteger o seu antigo secretário de Estado, Foster Dulles, das acusações desagradáveis que Eden lhe dirigira, ao mesmo tempo que se reafirmava convicto da justeza da linha seguida pelos EUA em 1956 – vejam-se a este respeito os seus dois volumes de memórias: *The White House Years: Mandate for Change, 1953-1956* (1963) e *The White House Years: Waging Peace, 1956-1961* (1965). Mais recentemente, a correspondência privada entre o Presidente norte-americano e o primeiro-ministro britânico foi editada por Peter G. Boyle, *The Eden-Eisenhower Correspondence, 1955-1957* (2005).

Da parte dos franceses, os testemunhos mais significativos pertencem ao ministro dos Estrangeiros de Mollet, Christian Pineau, *Suez 1956* (1978), a primeira obra a divulgar o texto do «Protocolo de Sèvres», logo seguida do relato do ministro da Defesa, Abel Thomas, *Comment Israël Fut Sauvée* (1978). Alguns dos responsáveis israelitas presentes em Sèvres também escreveram sobre o assunto: o então chefe do Estado-Maior das Forças Armadas,

Moshe Dayan, em *Story of My Life* (1976), e o então director-geral do Ministério da Defesa, Shimon Peres, em *Battling for Peace: Memoirs* (1995). As principais entradas do diário de Ben Gurion referentes à crise do Suez e à campanha do Sinai foram divulgadas por Selwyn Ilan Troen e Moshe Shemesh, *The Suez-Sinai Campaign: Retrospective and Reappraisal* (1990).

As biografias de alguns destes actores políticos conferem grande destaque às origens e desenvolvimento da crise do Suez. Isso acontece sobretudo nos estudos dedicados a Anthony Eden, cuja reputação ficou para sempre associada aos eventos de 1956. Até à abertura dos arquivos do Public Record Office em 1987, os biógrafos do antigo primeiro-ministro ou trabalharam com fontes primárias estrangeiras (sobretudo americanas), ou beneficiaram de um acesso privilegiado aos seus papéis privados. Em 1981, o historiador David Carlton examinou de forma bastante severa a conduta do sucessor de Churchill no episódio que encurtou a sua estada em Downing Street (*Anthony Eden: a Biography*); cinco anos mais tarde, com o patrocínio da viúva de Eden, a condessa de Avon, era dada à estampa a primeira biografia «autorizada»: *Anthony Eden* (1986), assinada pelo deputado tory Robert Rhodes James. Alguns anos depois, duas novas biografias puderam beneficiar já da desclassificação de milhares de documentos do PRO, assim como da literatura histórica que entretanto fora sendo produzida, *Anthony Eden, a Life and Reputation*, de David Dutton (1997), e *Eden: The Life and Times of Anthony Eden, First Earl of Avon*, de D. R. Thorpe (2003).

O carisma de Nasser atraiu, como seria de esperar, uma legião de biógrafos de várias nacionalidades. Até hoje publicaram-se mais de duas dezenas de perfis sobre o ditador egípcio. Os especialistas apontam *Nasser: a Political Biography* (1971), de Robert Stephens, como um dos retratos mais bem conseguidos. Uma das últimas biografias pertence ao jornalista palestiano Said K. Abursih, *Nasser: The Last Arab* (2004), que o apresenta como uma espécie de «Ataturk egípcio», um líder secular, nacionalista, e razoavelmente moderado para os padrões do Médio Oriente. Em francês existe uma biografia de um dos grandes cultores do género: *Nasser*, de Jean Lacouture, originalmente publicado em 1971, e reeditado em 2005.

A bibliografia sobre o Suez é vasta, mas padece de um problema de fundo: o seu enfoque eurocêntrico. Feita esta ressalva, podemos dizer que as obras dedicadas ao tema tornaram-se mais consistentes a partir de finais dos anos 80, quando o prazo dos 30 anos expirou e os historiadores passaram a ter um acesso virtualmente ilimitado aos documentos-chave britânicos. Em 1988, David Carlton publicou uma excelente síntese (*Britain & Suez Crisis*) acerca do envolvimento britânico e das tensões entre a Administração Eisenhower e o Governo Eden, complementada por excertos da correspondência entre os dois estadistas e as minutas mais relevantes do Gabinete britânico. Um ano mais tarde, William Roger Louis e Roger Owen editaram um magnífico conjunto de ensaios: *Suez 1956: The Crisis and its Consequences* (1989). Elaborado por vários especialistas e antigos responsáveis diplomáticos e

militares, o volume tem o mérito de cobrir as várias dimensões nacionais, regionais e internacionais da crise, e de avaliar as suas consequências de longo prazo. É uma das obras mais sólidas sobre o tema. Em 1991, outro ano dramático na história recente do Médio Oriente, Keith Kyle, antigo jornalista do *Economist* e do *Sunday Times*, publicou aquele que é talvez o estudo mais exaustivo sobre a crise (*Suez*, reed. em 2003), aliando vários anos de pesquisa no PRO a consultas a arquivos israelitas, egípcios e norte-americanos.

No mesmo ano, W. Scott Lucas publicou uma outra síntese de grande fôlego, *Divided We Stand: Britain, the US and the Suez Crisis* (1991), e, no 40.º aniversário da crise, uma compilação comentada de fontes primárias, *Britain and Suez: The Lion's Last War* (1996), ambos com revelações interessantes sobre a cooperação e a desinteligência entre os serviços secretos britânicos e norte-americanos no Egipto e no Médio Oriente. Os contornos semi-rocambolescos que rodearam as conversações entre britânicos, franceses e israelitas em Sèvres foram reconstituídos por Avi Shlaim em «The Protocol of Sèvres: anatomy of a war plot», *International Affairs*, vol. 74, n.º 3, Julho de 1997, pp. 509-530.

A dimensão mais económica da crise foi estudada por Diane Kuntz em *The Economic Diplomacy of the Suez Crisis* (1991), ao passo que o clássico *The Prize. The Epic Quest for Oil, Money and Power* (1991), de Daniel Yergin, examinou a questão sob o ponto de vista da vulnerabilidade energética das potências ocidentais.

A controvérsia suscitada pelo *modus operandi* de Eden entre os mandarins do FO foi

analisada em vários ensaios editados por Saul Kelly e Anthony Grost, *Whitehall and the Suez Crisis* (2004). O papel dos meios de comunicação em todo o episódio encontrou o seu historiador em Tony Shaw, autor de *Eden, Suez and the Mass Media: Propaganda and Persuasion during the Suez Crisis* (1997). Numa vertente mais humorística, Timothy Benson e Anthony Grost fizeram um levantamento dos *cartoons* publicados pela imprensa internacional em *Suezide: A Cartoon History of the 1956 Suez Crisis* (2006). Saber se a crise do Suez foi o catalizador da política de descolonização prosseguida pelos governos de Macmillan no início da década de 1960, ou apenas mais um marco no processo de enfraquecimento que o Reino Unido vinha experimentando desde o fim da II Guerra Mundial, é um tema muito debatido pela historiografia britânica. O livro de John Darwin, *The End of the British Empire. The Historical Debate* (1991), é uma boa introdução ao assunto, assim como os ensaios reunidos por Richard Aldous e Sabine Lee (eds.), *Harold Macmillan and Britain's World Role* (1996), e a investigação de Frank Heinlein, *British Government Policy and Decolonization 1945-1963* (2002). No que se refere à erosão da influência bri-

tânica no Médio Oriente, e à afirmação da primazia norte-americana na região, a obra de referência pertence a Richie Owendale, *Britain, the United States and the Transfer of Power in the Middle East, 1945-1962* (1962). Como não podia deixar de ser, o 50.º aniversário da crise rendeu mais uma mão-cheia de títulos. *Road to Suez. The Battle of the Canal Zone*, de Michael T. Thornhill, é forte nos aspectos militares e estratégicos. A ressonância contemporânea dos eventos de 1956, os inevitáveis paralelismos entre o Suez e o Iraque, Eden e Blair, são abordados no ensaio *After Suez: Adrift in the American Century*, de Michael Woolcott, até há pouco tempo editor de assuntos internacionais do *Guardian*. Num registo mais convencional, mas com uma evidente piscadela de olho à actualidade, Barry Turner produziu um relato vívido da crise do Suez 1956: *The Inside Story of the First Oil War*. Mas desta colheita a nossa recomendação mais viva vai para a compilação de artigos e ensaios de William Roger Louis, *Ends of British Imperialism. The Scramble for Empire, Suez and Decolonization*, que, entre outras coisas, nos oferece dois luminosos textos acerca do envolvimento da ONU em todo o processo. RI